

CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DAS RELIGIÕES TRADICIONAIS DOS POVOS DA ÁFRICA OCIDENTAL *

Germaine Dieterlen **

É nosso propósito tentar expor, no tempo limitado de que dispomos no decurso deste colóquio, as bases e as modalidades que revestiram as crenças e os «costumes» das diversas populações africanas do Oeste, tal como se nos depararam ao longo das repetidas investigações que realizámos, algumas das quais têm vindo a constituir o principal objecto de estudo dos especialistas há mais de meio século.

Talvez seja conveniente começarmos por descrever o método que presidiu à condução das pesquisas *in loco*. Ele é característico da escola que se baseia nos ensinamentos de Marcel Mauss, que articulava o método da etnografia recorrendo à documentação de que dispunha a erudição, na época em que era professor do Instituto de Etnologia, na Escola Prática de Altos Estudos (5.^a Secção), e no Colégio de França. Recordemos que ela apontava como objectivo de o etnólogo reconstituir, no terreno próprio em que a análise incidia, os arquivos das populações em estudo, o que requeria uma observação exaustiva dos factos, uma análise que abrangia todos os grupos sociais, uma recolha de todos os objectos, para além de um rigoroso conhecimento da língua, tendo em conta que estas civilizações multiplicaram os símbolos gráficos, os ideogramas e as pinturas, mas não possuíam uma escrita. Embora durante as investigações se tivessem observado estritamente os critérios mencionados, a constatação de alguns fenómenos levou-nos a alterar o carácter da nossa abordagem. Com efeito fomos surpreendidos pela profundidade da estrutura sócio-cultural destas populações, cuja análise requeria uma reelaboração dos materiais de que já dispúnhamos.

Não nos alongaremos aqui sobre a descrição dos desenvolvimentos registados no decorrer destas pesquisas, cujas consequências continuam a fazer-se sentir. Tornou-se porém evidente que os negros da África haviam, como

* Tradução da responsabilidade da redacção.

** Professora da École pratique des Hautes Études, C. N. R. S. (França).

acontece com outros povos, «pensado» os seus costumes; que estes costumes obedeciam a normas características, constituindo eles próprios regras que se torna imprescindível ao etnólogo conhecer. Estas pesquisas, se bem que muito enriquecedoras, revelaram-se algo complicadas, uma vez que se torna difícil para uma mentalidade imbuída da lógica ocidental penetrar em sistemas de pensamento nos quais à analogia e ao agudo sentido dos símbolos se confere a dignidade de facto real.

Qualquer destas sociedades dispõe de um conjunto de conhecimentos ministrado ao longo de uma preparação gradual, que se inicia com a circuncisão ou a excisão, a todo aquele que deseje obtê-lo e de tal se mostre digno. Este ensino baseia-se numa explicação indígena das manifestações da natureza (antropologia, botânica, zoologia, geologia, astronomia, anatomia e fisiologia), a que correspondem fenómenos sociais (estruturas sociais, religiosas e políticas, técnicas, artísticas, económicas, etc.). Este conjunto de conhecimentos distribuído em diferentes categorias é transmitido por «escalões» sucessivos, ou «palavras» que se vão tornando cada vez mais explícitas e complexas. O interessado pode igualmente tomar contacto com ele através da sua experiência pessoal e no desempenho de funções que cumpre no quadro social.

Embora seja necessário atender ao mecanismo original do pensamento indígena, verifica-se que estes conhecimentos se encontram contidos não apenas em actos individuais ou colectivos e nos gestos rituais, como são representados em materiais específicos (pinturas rupestres, monólitos, pedras de altar, imagens, grafismos, etc.) e ainda no conteúdo das orações e das invocações, em relatos e nas divisas cujo significado nos é desvendado pelo comentário que lhes vem apenso, a que acresce a morfologia dos utensílios, mesmo os de uso corrente.

Estas diversas aproximações levam-nos a fazer intervir a história destas populações, frequentemente inscrita nas tarefas familiares e nas narrativas feitas por viajantes de elevada cultura, cuja redacção árabe evidencia o seu cunho tardio, ou ainda nas publicações da autoria de historiadores europeus, quase exclusivamente baseadas em textos escritos.

Esta característica fragmentar da história está associada à organização social e à cultura destas mesmas populações. Conservada pela tradição oral e veiculada por ela, ela demonstra uma enorme coerência. Tendo dela conhecimento o homem comum, nela é especialmente versada a elite intelectual presente em todas as etnias. Pudemos constatar este facto, uma vez que concentrámos a nossa análise sobre os representantes de um sector específico destas sociedades: os chefes das linhagens mais numerosas e os sacerdotes dos diversos cultos celebrados pelos clãs, os chefes de sociedades iniciáticas a quem competia a instrução dos jovens, os curandeiros e os adivinhos, entre outros. Mas, acima de tudo, os membros das castas donde provinham os cantores, a que se chamava feiticeiros, muitos dos quais, tendo prestado juramento, se tornavam responsáveis pela conservação da genealogia das famílias, dos clãs, dos chefes políticos e ainda do historial das etnias a que pertenciam. Competia-lhes igualmente a sua divulgação

pública durante a celebração de cultos familiares, relativos aos clãs e à realeza nos quais à alocação dos discursos se atribuía o valor de rito.

Paralelamente, há que considerar a influência do condicionalismo geográfico a que estavam sujeitas as diversas etnias, visto que nesta região da África se registam alterações climáticas muito importantes. Com efeito, as progressivas secas determinaram, no Sael, consecutivas diásporas dos povos que aí habitavam. O fenómeno, sofrendo embora sensíveis variações, teve início há muitos milénios. Estas populações foram-se gradualmente refugiando a Leste e a Sul, em regiões próximas do Níger e, para além dele, em zonas em que tiveram de se confrontar com outros grupos. Seja como for, independentemente de conseguirem por vezes alcançar o poder político, eles faziam-se acompanhar pelos cultos provenientes das suas crenças originárias e introduziam-nos em áreas geográficas diferentes.

As investigações que vinham a ser conduzidas há já algumas décadas, e que incidiam simultaneamente sobre os Mandingas, os Bambaras, os Bozos, os Samogos, os Dogons, os Kurubas e os Peuls, entre outros, voltaram-se posteriormente para os Soninkes e os Miniankas. Tais estudos permitiram que se detectasse a existência de estruturas sócio-religiosas de índole quase internacional, cuja relevância política se encontra subjacente a todos os regimes que se têm vindo a suceder até à actualidade. Qualquer destas populações — e a enumeração que fizemos não é exaustiva — reconhece existirem laços de parentesco, ainda que remoto, ou de alianças mútuas, que elas fazem convergir actualmente no Mande. Esta região, que se situa a Oeste de Bamako, é a sede do antigo império Keita, ou «do Mali», e estendia o seu domínio, entre os séculos XII e XIII, a uma vasta área da África Ocidental. As estruturas sociais destes diferentes povos obedecem a princípios análogos, estabelecidos pelas mitologias, e utilizam uma cosmogonia paralela. Como eixo deste sistema surge o Níger, da nascente ao delta interior, situado no lago Debo, encontrando-se o seu curso assinalado por aglomerações que representam etapas relativas a acontecimentos míticos, proto-históricos e históricos que se relacionam com a evolução dos povos «aparentados ou aliados».

Os Soninkes integram grupos de cavaleiros conquistadores oriundos do Leste e, segundo reza a tradição oral, do Egipto, de onde chegaram há vários milénios, acabando por sedentarizar-se numa vasta zona do Sael. Tinham vencido povos de caçadores nómadas e de agricultores sedentários, tornando-os cativos. Encorparam-nos depois nos seus exércitos e progressivamente aceitaram-nos como aliados. Estes conquistadores, a que se chama *vage*, termo que podemos traduzir por «nobre por excelência», tomaram o poder militar e político e fundaram o império Wagadu, literalmente, «território dos *vage*», que se estende desde a Mauritânia até à zona oriental e meridional da actual Nigéria. Nesta época todas estas terras eram verdejantes, irrigadas por cursos de água, correntes subterrâneas e sementeiras de lagos. O exercício da autoridade era assegurado por um chefe religioso, o *kaya maga*, obrigatoriamente recrutado entre os

clãs dos conquistadores. Assistiam-no os governadores militares das províncias, entre os quais se contavam descendentes dos povos conquistadores, estatuto a que só acediam depois de terem prestado juramento aos *vage* sobre um altar que representava a «bigorna» mítica. O exército, a quem competia a manutenção da ordem, era constituído por diferentes corpos: infantaria, cavalaria, arceiros, etc. Os cultos, a que presidiam o *kaya maga* e os seus adjuntos, eram os seguintes:

- o que se realizava sobre o altar da fundação, configurado por talhas que continham diversos ingredientes, consagrados pelo decano dos conquistadores, o Dinga, nas proximidades de Nioro, colocadas sob um túmulo;
- o de Bida, filho de Dinga, que, metamorfoseado em serpente de água, vivia nos labirintos subterrâneos que se situavam na região onde foi edificada a capital do império, Kumbi;
- o principal culto dos agricultores das zonas conquistadas era o da «bigorna»; os que se relacionavam com as chuvas incluíam rituais celebrados por qualquer dos grupos.

Após sucessivas diásporas que, motivadas pela seca, tiveram lugar a partir do segundo milénio antes de Cristo até ao século XII da nossa era, o poder foi assumido pelos emigrantes que se instalaram no Mande. Na sequência de vários conflitos, os novos ocupantes organizaram o império do Mali, que se estendia da Guiné até para além de Gao. As crenças religiosas tradicionais conservaram-se na sua maioria, não obstante se registasse simultaneamente um incremento na adesão ao islamismo. Elas foram inicialmente assimiladas por um culto colectivo que se realizava num santuário a que se dava o nome de «vestíbulo do Mande», cerimónia septenal dirigida pelos clãs Keita, «gentes do Mali», e vieram a fundar um vasto império a partir do reino de Sundiata Keita, no século XII.

As cerimónias do «vestíbulo do Mande», a que assistimos por diversas vezes (em 1954, 1975 e 1983), incluem reminiscências simbólicas dos cultos soninkes, como é o caso das «talhas» de Dinga e da «bigorna» e as que se relacionam com o culto de Bida. Reminiscências a que se vêm juntar os rituais característicos das populações ribeirinhas do Níger, realizados em honra de Faro, um antepassado que corresponde a Bida e que vive [no Níger(?)]¹. A cerimónia é composta pela enumeração das genealogias dos «povos associados» ao Mande, recitada pelos cantores ajuramentados e a que preside um descendente ilustre de um clã *vage* soninke.

Este quadro não sofreu alteração quando o poder transitou para os Bambaras que no século XVIII fundaram uma dinastia, tendo por capital a cidade de

¹ Palavras riscadas no original.

Segu, construída nas margens do Níger. Podemos encontrar numa outra aglomeração junto ao rio um altar constituído por talhas e outros importantes objectos do ritual, lembrando-nos a configuração dos vasos os de Dinga. O mesmo acontece com o culto de Faro que tem origem no Níger. Ao longo das suas margens foram consagrados altares que, erguendo-se sobre largos canais, desde a nascente ao lago Debo, fazem lembrar pela sua quantidade os das populações que se julgam oriundas do Mandé. O ritual é realizado pelos pescadores bozos que eram originariamente soninkes emigrados. Estes cultos foram também observados noutros lugares, noutros reinos e circunscrições militares — particularmente entre os Mossis —, ficando-se a dever a imperativos históricos já averiguados e cuja iniciativa partiu daqueles que haviam elegido chefes militares malinkes, cujo domínio se exerceu durante algum tempo sobre os Assantes. O mesmo aconteceu com os Dogons, que, tendo mantido a sua independência e a sua autonomia, dispunham de uma organização sócio-religiosa que se manteve até à actualidade, mau-grado a sua natureza clânica e antiestatal.

Por estes processos se transmitiram as crenças e os rituais que se foram adaptando às diferentes áreas geográficas e enraizando na história destas populações. Com efeito, a estrutura social característica destes diversos povos baseia-se em princípios análogos, que se regem por uma idêntica cosmologia, continuando a ser o Níger, desde a sua nascente ao lago Debo, o eixo deste sistema. Esta mitologia apresenta variantes que enriquecem algumas das suas passagens e obscurecem outras. O seu abstracto e o seu esquema geral não sofreram no entanto alteração. Independentemente das conversões ao islamismo que se verificaram muito antes do século XII, e do seu importante acréscimo actual, apesar da escolarização, da evolução política e dos actuais problemas económicos, a tradição conseguiu conservar até hoje a maior parte dos seus valores.

Três razões nos levaram a apresentar um resumo desta cosmologia, segundo a versão dogon:

- a) Os Dogons são tributários dos Malinkes, tanto pela linha da sua descendência como pela origem geográfica, que tendo abandonado, por volta do século XII, a região que habitavam no Mandé, e onde vivem ainda os seus irmãos, escaparam à conversão ao islamismo e mantiveram a sua religião tradicional. Depois de uma longa migração, refugiaram-se nas falésias do Bandiagara, onde conservam até hoje intactas as suas crenças e os seus costumes. Tendo este fenómeno ocorrido na sua região de origem, fizeram que se multiplicassem na zona as suas representações características: a sua cosmogonia está inscrita em superfícies consideráveis, por vários locais, desde os altares até objectos próprios do ritual.
- b) Os estudos que há dezenas de anos se têm vindo a realizar entre os Dogons, permitiram determinar, mais dó que em qualquer outro lugar, uma relação estreita entre a sua mitologia e as suas estruturas sócio-religiosas.

- c) O facto de terem recentemente (entre 1967 e 1973) realizado as cerimónias relativas ao Sogui, que têm lugar todos os sessenta anos. Estas cerimónias, — outrora realizadas no Mande, perderam voga nesta região — destinam-se, a par de outras, a comemorar e reconstituir determinados episódios da sua cosmogonia, e representam o ponto central das suas crenças e o fulcro da vida social e religiosa.

Após uma primeira tentativa abortada, o universo no seu conjunto condensou-se numa partícula ínfima em que se continham os quatro elementos: ar, fogo, água e terra, gerada pela «palavra», *so*, proferida por um Deus único, Amma; este «átomo» vivo encontra-se actualmente simbolizado na Terra por um grão de uma variedade de *Digitaria exilis*, *põ pilu*, ou «fonio branco», na água pelo ovo do siluro *Clara senegalensis*, *anagonno*, e no espaço pela companheira de Sirius, a «estrela do fonio», *põ tolo*. Esta partícula infinitesimal desenvolveu-se e formou uma vasta matriz a que se chama o «ovo de Amma», ou «ovo do mundo», *aduno talu*, constituída por dois elementos gémeos e contendo uma placenta dupla; desta matriz resultaria o nascimento de dois casais, igualmente gémeos, de monitores Nommo, protótipos do homem e detentores do verbo, a «palavra», que lhes havia sido comunicada pelo criador.

De uma destas metades do ovo irrompeu prematuramente, porém, um ser masculino único cujo nome é Ogo, o qual, querendo apoderar-se sozinho do universo em formação, arrancou um pedaço da sua própria placenta e construiu uma espécie de arca na qual desceu pelo espaço vazio. Do pedaço arrancado surgiu a Terra e ele internou-se nela em busca da sua gémea. Percorrendo-a em todas as direcções, abriu no solo ainda húmido e sangrento cinco fileiras de doze orifícios que delimitaram o primeiro «campo». Sendo vã a sua busca na Terra, retornou ao céu; mas já Amma tinha confiado a sua gémea ao casal da outra metade do ovo. Ogo roubou então oito dos grãos gerados por Amma, entre os quais o fonio, germe do mundo, transportou-os para a Terra no interior de uma cabaça e semeou-os. A maior parte foi subtraída à sua acção, mas o fonio germinou e tornou-se rubro e impuro.

A permatura intervenção de Ogo, o incesto que havia praticado ao penetrar na sua própria placenta, ou seja, no ventre da sua «mãe», e sobretudo o roubo das sementes, entre as quais o fonio, associando-se ao incesto, perturbaram gravemente a ordem da criação. Imperfeito e impuro, Ogo transformou-se em animal, a Raposa macho, *yurugu*, e transmitiu à Terra a sua própria impureza, o que a fez secar.

Para remediar esta situação Amma castrou-se, sacrificando depois ao céu um dos monitores Nommo masculinos da outra metade do ovo; este último derramou o seu sangue e os «grãos» das suas clavículas, futuro alimento dos homens, para purificar o universo. À excepção dos braços, o seu corpo dividido em sessenta parcelas, e depois reagrupado em quatro montes, foi arremessado no espaço, nos quatro sentidos cardeais. Estas parcelas reagrupadas são simbo-

lizadas na terra pelas quatro árvores que testemunham, no reino vegetal, a purificação efectuada pelo seu sacrifício. Observámos que o fono semeado pela Raposa tinha germinado na placenta desta última e se havia tornado rubro e impuro. Para o destruir e impedir que transmitisse à Terra a sua impureza, o deus Amma fez verter sobre o solo, no momento da ressurreição, o «sangue do coração» da vítima, que, reduzido a uma «bola», se inflamou. Este «sangue» transformou-se na «bigorna»: como uma massa incandescente, qual «bola de fogo ardente», caiu às avessas, abrindo no solo um gigantesco abismo. O fono impuro foi atingido mas voltou a brotar em torno da abertura. Esta massa provinda do céu, instrumento da purificação, não podia permanecer neste local conspurcado e assim, jorrando para fora da cratera, entranhou-se num lugar afastado, ao sul, onde mergulhou profundamente. A parte exposta deveria ser usada pelo ferreiro que surgisse quando se construísse a primeira forja. Derramado por Amma ao mesmo tempo que o «sangue do coração-bigorna», o «sangue do braço» transformou-se numa massa metálica, que os ferreiros haveriam de descobrir antes de extraírem o ferro dos minerais da terra.

Juntando novamente o corpo desmembrado, Amma modelou-o em forma de homem com a matéria da sua própria placenta, ressuscitando-o em seguida. Depois transportou para a terra da Raposa o invólucro da segunda metade do ovo sob a forma de uma arca rectangular, colocando ao centro o Nommo masculino devolvido à vida, detentor do verbo, do céu e da água, e quatro outros pares mistos, seus «filhos», gerados a partir da mesma placenta e antepassados dos humanos, dispondo-os do seguinte modo: a oeste da arca, Amma Seru e a sua gémea (elemento ar); ao norte, Lebe Seru e a sua gémea (elemento terra); a este, Binu Seru e a sua gémea (elemento água); a sul, Dyongu Seru e a sua gémea (elemento fogo).

A arca, feita de terra pura e destinada a ser colocada sobre a primeira, continha igualmente todos os animais e vegetais que haveriam de multiplicar-se e espalhar-se por todo o planeta; a descida desta estrutura coincidiu com o aparecimento da luz solar. Após a vinda da arca chegou a chuva, fonte de vida e fertilidade; ela espalhou-se pela terra e formou o primeiro pântano, no qual o Nommo se refugiou.

A localização geográfica deste pântano é o lago Debo, representando o curso do Níger o conjunto formado pelo corpo do ressuscitado.

Em seguida Amma fez descer à Terra, acompanhando Yasa, gémea do Nommo ressuscitado, um casal de ferreiros criados a partir do sangue da castração e tidos como «gémeos» deste último. O artesão desceu servindo-se dos elementos do sexo (pénis e testículos) como suporte. Recebeu igualmente o braço da vítima, como o qual obteve a sua massa; os elementos do sexo, uma vez na terra, sofreriam uma transformação pela qual se tornariam respectivamente na agulheta e nos foles da forja. Reunindo os grãos da bigorna primordial, com a ajuda dos utensílios que lhe haviam sido confiados, conseguiu extrair o ferro e trabalhá-lo, inaugurando os trabalhos agrícolas.

Amma chamou depois o genealogista ou feiticeiro, criado a partir do sangue do sacrifício, que se fazia acompanhar do crânio da vítima e que usaria posteriormente como tambor.

Amma provocou em seguida um eclipse do Sol durante o qual desceu, sob forma humana, a gémea da Raposa, Yasigui.

As secas flagelaram a terra da Raposa e os homens sofreram a sede. Depois das intervenções do feiticeiro, a que se seguiu o ferreiro, gémeos do sacrificado, a chuva, representando o esperma vertido por Amma durante a castração, caiu sobre o solo. Ela formou o primeiro pântano, no qual mergulhou, retomando a sua primitiva forma de peixe, o Nommo ressuscitado, que se designou por «Nommo do pântano». A localização geográfica deste pântano é o lago Debo, representando o curso do Níger o conjunto formado pelo corpo do ressuscitado. Simultaneamente, tendo a chuva inundado a abertura provocada pela «bigorna» primordial, Yasa, a gémea do ressuscitado, metamorfoseou-se em peixe e mergulhou na água. A localização geográfica deste acontecimento é o lago Bosomtwi.

A palavra, que era pertença do ressuscitado, o «Nommo do Pântano», foi revelada por ele a partir da água, seu domínio na Terra, ao antepassado Binu Seru. Este transmitiu-a aos homens, ao mesmo tempo que o feiticeiro percutia o crânio do Nommo como se fosse um tambor, repetindo as suas palavras. Esta revelação consagrou-se através da celebração do Sigui: a ingestão de cerveja fez penetrar as «palavras» no corpo dos antepassados, enquanto os símbolos dos grãos primordiais se depositavam nas suas clavículas ².

Depois desta consagração tiveram lugar os primeiros casamentos. Os quatro antepassados méticos permutaram as suas gémeas duas a duas: Amma Seru desposou a gémea de Lebe Seru e inversamente; Binu Seru desposou a de Dyongu Seru e inversamente. O principal objectivo destas uniões era fazer que se associassem entre si: a) os quatro pontos cardeais (oeste e norte, por um lado, e este e sul, por outro); b) os quatro elementos (ar e terra, por um lado, água e fogo, por outro); c) o conteúdo das «clavículas» dos intervenientes.

Resultante das uniões dos antepassados da arca e, posteriormente, das realizações entre os seus descendentes, a humanidade desenvolveu-se e a vida organizou-se sobre a Terra; os elementos constitutivos e complementares desta organização eram a noite, a seca, a esterilidade, a desordem, a impureza e a morte, domínios da Raposa, por um lado, e o dia, a humidade, a fertilidade, a ordem, a pureza e a vida, domínios do Nommo, por outro.

As etapas desta organização e os acontecimentos que a assinalam prolongam-se, segundo o mito, pelas cinco primeiras gerações a que o Nommo deu origem (enquanto pai) e as dos antepassados míticos (seus «filhos»), durante 66 anos.

² As clavículas são, no homem, as portadoras do símbolo dos oito grãos primordiais (entre os quais o fonio) que lhes comunicam a força e preservam a sua integridade.

Elas abrangem fundamentalmente o desenvolvimento e a repartição das terras cultiváveis, as regras de parentesco e das alianças, o desenvolvimento do *habitat*, etc. Prendendo-se com os fenómenos que dizem respeito às gerações provenientes dos primeiros casais de cada uma das linhagens, surgiram todas as instituições sociais e religiosas.

De acordo com este esquema, os Dogons elaboraram um sistema parental e matrimonial mítico baseado em quatro linhagens e cinco gerações. A posição que um indivíduo actualmente ocupa na sua linhagem é determinada através das quatro gerações situadas na linha ascendente e das quatro que sucedem à sua.

Os nomes atribuídos aos antepassados masculinos — significando o sufixo *seru* que as acompanha «testemunha» — reportam-se simbolicamente às funções desempenhadas pelos responsáveis a quem era confiada a realização dos principais cultos dos Dogons: o culto de Amma; o dos antepassados relativos à linhagem; o culto de Lebe, a nível da sociedade; o culto do Nommo resuscitado, ao nível do clã; os cultos funerários e de imposição de máscaras. Sobre outro plano, as quatro grandes tribos dos Dogons são teoricamente consideradas como uma réplica das quatro linhagens míticas que tiveram origem nos quatro casais de antepassados da humanidade.

Embora detentor do verbo, a Raposa, filha única, está impedida de assumir o poder, embora seja esse o seu desejo; o seu destino é perseguir a sua gémea perdida, Yasigui. Os seus actos descontrolados estão na origem do aparecimento da morte sobre o planeta. A função de Nommo, monitor do Universo e mestre absoluto da palavra, da água, das almas dos vivos e da fecundidade, é minorar as devastações causadas pela Raposa. Com este intuito ele voltou a ordenar todos os elementos que constituem o Universo sob o seu controle, regulamentando depois as suas relações recíprocas através de sentenças.

Esta passagem da cosmologia é recriada no culto totémico, segundo o qual à participação de cada um dos membros de um particular sector da sociedade correspondia a mesma sentença que estatuiu sobre cada pedaço do corpo do Nommo sacrificado. A essa parte se associam, por força do princípio das correspondências cosmo-biológicas a que já fizemos referência, uma estrela, uma constelação ou ainda um trecho do Níger, um animal ou uma planta que se encontram abrangidos pela sentença aplicada a essa fracção, formando deste modo um clã a que se atribui um nome característico. Chamou-se às 22 principais famílias de todas estas categorias — a que correspondem os 22 principais clãs — «os 22 dentes do Nommo» por entre os quais perpassaram as palavras reorganizativas.

No entanto, continuando ainda a registar-se as peripécias da Raposa e as desordens a que ela deu início, assim vão sendo assinaladas pelo Nommo as suas etapas sucessivas, com a ajuda de um conjunto de técnicas reveladas aos homens e que constituem um ciclo sempre renovado. O exercício da agricultura, a actividade básica, purificou o solo e favoreceu a proliferação do género humano: os homens tornaram-se «numerosos como o fonio» que deu origem ao Universo.

No plano das representações, os Dogons assimilaram às suas estruturas e aos seus rituais os cultos que haviam transportado e integrado na vida social e religiosa que prosseguiram nas falésias do Bandiagara. Eis alguns exemplos: as «talhas» de Dinga representam os pântanos sagrados situados em Aru, nas proximidades de Ibi, onde vive o chefe supremo do povo dogon, o Hogon de Aru. À «bigorna», simbolizada por um pico rochoso que se ergue no alto de uma falésia que domina o Yugo-Dogoru, corresponde um culto celebrado pelos chefes das linhagens desta localidade. Ao curso do Niger, principal domínio de Faro e do Nommo «do pântano», corresponde um curso de água temporário, assinalado por altares, que se situa no planalto Sanga, sendo o seu culto confiado aos sacerdotes totémicos.

Em contraste com o que se passa com o estudo das estruturas sócio-religiosas e as cosmogonias dos Malinkes, dos Bambaras, dos Soninkes e dos Peuls, sobre as quais já se lançou alguma luz, o domínio tradicional desta vasta região do continente não foi ainda objecto de uma investigação exaustiva. Uma jovem plêiade de etnólogos, fazendo uso dos métodos que sucintamente enunciámos, prossegue no entanto a sua pesquisa noutras etnias. É nosso desejo que destes esforços conjuntos se retire igualmente a contribuição aí contida, sob o ponto de vista cultural. Salientamos sobre este aspecto a construção do santuário do Mandé, objecto de uma tradicionalmente solene reconstrução septenal, ao qual, situando-se na região dos Mandingas, tal como as cerimónias do Sigui, que os Dogons celebram todos os sessenta anos, se encontra associado ao nascimento helíaco de Sirius, no qual se baseia um dos calendários do Egipto antigo.

Parece-nos indispensável fornecer em anexo uma lista dos principais trabalhos e artigos relativos às matérias que tratámos no decurso deste colóquio.

Versões sucintas acerca da mitologia dos Dogons foram publicadas nos primeiros trabalhos realizados acerca deste povo:

- M. GRIAULE, «Masques dogon», *Travaux et Mémoires de L'Institut d'Ethnologie*, t. XXXIII, 1938, livro I, les mythes; glose des mythes; les textes en langue du Sigui, pp. 41-152.
- G. DIETERLEN, «Les Ames des Dogon», *Travaux et Mémoires de L'Institut d'Ethnologie*, t. XL, 1941, cap. I, les mythes, les migrations, les fondations de villages, pp. 9-72.

Algumas passagens encontram desenvolvimento em:

- M. GRIAULE, *Dieu d'eau*, Editions du Chêne, Paris 1948, p. 263.

A sua versão mais elaborada foi parcialmente publicada em:

- M. GRIAULE e G. DIETERLEN, «Le Renard Pâle», *Travaux et Mémoires de L'Institut d'Ethnologie*, t. LXXII, 1965, fasc. 1; le mythe cosmogonique; la création du monde, p. 544.

A segunda parte desta mitologia relativa aos primeiros 66 anos da vida do homem sobre a Terra encontra-se em preparação e passará a fazer parte do fascículo II do t. LXXII dos *Travaux et Mémoires de L'Institut d'Ethnologie*.

A versão bambara desta mitologia está publicada em:

- G. DIETERLEN, *Essai sur la religion bambara*, P. U. F., Paris, 1961, p. 240.

Algumas passagens encontram desenvolvimento em:

- S. de GANAY, «Aspects de mythologie et de symbolique bambara», *Journal de psychologie normale et pathologique*, Abril-Junho de 1949, pp. 181-201.

- M. GRAULE e G. DIETERLEN, *Signes graphiques soudanais, L'Homme*. Herman et Cie., Paris, 1951, p. 87.

- D. ZAHAN, *Sociétés d'initiation bambara*, le N'Domo, le Koré, Dijon, 1960. p. 438.

- G. DIETERLEN e Y. CISSE, «Les Fondements de la société d'initiation du Komo», *Cahiers de L'Homme*, Mouton et Cie, nouvelle série X, 1972, cap. II: les signes, pp. 63-213.

A versão malinke foi publicada em:

- G. DIETERLEN, «Mythe et Organisation social au Soudan Français», *Journal de la Société des Africanistes*, t. XXV, 1955, pp. 39-76.

—, «Mythe et Organisation social en Afrique occidentale (continuação)», *Journal de la Société des Africanistes*, t. XXIX, 1959, pp. 119-138.

—, «Contribution à l'étude des forgerons en Afrique occidentale», *Annuaire 1965-1966*, École Pratique des Hautes Études (V^{ème} section), Paris, 1965, pp. 5-28.

—, «Note complémentaire sur le sanctuaire de Kaaba», *Journal de la Société des Africanistes*, t. XXXVIII, 1968, pp. 185-188.

—, «Contribution à l'étude des relations protohistoriques en le Mandé et l'actuel Ghana», *Actes du Symposium international sur les religions de préhistoire*, Capo di Ponte, Edition del Centro, 1975, pp. 366-378.

Alguns elementos desta mitologia, recolhidos entre os Bozos, estão publicados em:

G. DIETERLEN, «Note sur le génie des eaux chez les Bozo», *Journal de la Société des Africanistes*, t. XII, 1942, pp. 149-157.

Ver, sobre os Soninkes:

Ch. MONTEIL, «Légende du Wagadou et l'origine des Soninké, Mélanges Ethnologiques», *Mémoires* 23, Dakar, IFAN, 1953, pp. 359-408.

C. MEILLASSOUX, L. DOUCOURRE, D. SIMAGNA, *Légende de la dispersion des Kusa*, Dakar, IFAN, 1967, p. 132.

E. POLLET e G. WINTER, *La société soninké (Daybunu, Mali)*, Editions de l'Institut de Sociologie, Université Libre de Bruxelles, 1971, p. 566.

G. DIETERLEN, «Premier aperçu des cultes soninké émigrés au Mandé, Systèmes de pensée en Afrique noire», *Cahiers* 1975, Laboratoire associé 221, EPHE-CNRS, pp. 5-18.

Relatórios recentes sobre a progressiva desertificação do Sara encontram-se publicados em:

N. PETIT-MAJRE, *La Recherche*, «Le Sahara de la steppe au désert», n.º 160, Nov. 1984, pp. 1372-1382.

Janeiro de 1984